

(GT 6)

## Nossos Orixás? A perspectiva de educadoras a respeito de contos de religiões de matriz africana na educação infantil

Layson Gabriel Brito Silva <sup>1</sup>  
José Francisco dos Santos<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho aborda uma reflexão teórica, filosófica e pessoal a respeito das narrativas religiosas de matrizes africanas, presentes em nosso mundo globalizado. O que motiva esse estudo é, primeiramente, a possibilidade de uma abordagem de combate à intolerância religiosa. Sobretudo, há o interesse investigativo em compreender como educadoras de uma escola de educação infantil enxergam tais narrativas e como a religiosidade influencia/atua em sua prática docente. A pesquisa teve como objetivo principal investigar a recepção de professores a contos dos Orixás de diversas vertentes de matriz africana, discutindo a relação desses contos com a sociedade e de que forma eles podem ser abordados na prática pedagógica com crianças em sala de aula. Enquanto objetivos específicos, temos: conhecer a **percepção de professoras** à leitura de textos de religiões de matrizes africanas, bem como discutir a **relação religião e educação** com foco em **textos de religiões de matrizes africanas**; e por fim, refletir sobre **possibilidades pedagógicas** de abordagem de narrativas de religiões de matrizes africanas com crianças, a partir do ponto de vista dos professores.

O texto relata uma experiência vivida pelo pesquisador durante o ano de 2023, o fato de que todos somos guiados por opiniões e valores construídos ao longo da vida e isso faz parte de quem somos. Não obstante, muitas vezes esses valores são pautados e construídos em vertentes religiosas, impactando diretamente na forma como vemos o mundo e lidamos com essa área, sabendo disso não podemos dissociar conceitos e questões religiosas dentro da educação, uma vez que os seres humanos são constituídos de subjetividades e as carregamos em todos os espaços.

Como afirma Vygotsky (1999), o processo de aprendizagem é coletivo e as relações pessoais são um ponto chave para o seu desenvolvimento. Em outros termos, se estamos em contato frequente com um ambiente de intolerância é bem provável que também sejamos intolerantes e/ou acabamos reproduzindo de alguma forma. Sendo assim, o contrário também se torna possível. Por outro lado, segundo Djamilia Ribeiro (2019), identificar os preconceitos ajuda-nos a combatê-los e, por fim, superá-los. Entendemos que seja para identificar como também para superar é necessária uma mudança de pensamento e atitude, assumir um outro posicionamento diante do outro.

---

<sup>1</sup> Mestrando [laysongabriel@gmail.com](mailto:laysongabriel@gmail.com); Universidade Federal do Oeste da Bahia, estudante.

<sup>2</sup> Professor Dr. [jose.santos@ufob.edu.br](mailto:jose.santos@ufob.edu.br), Universidade Federal do Oeste da Bahia.

## 2.METODOLOGIA DA PESQUISA.

A pesquisa de cunho exploratória envolveu a implementação de um projeto “Roda de Leitura-Caminhando com os orixás”, no qual foram trabalhados contos das religiões de matrizes africanas, da obra Mitologias dos orixás (2001), de Reginaldo Prandi. O projeto foi planejado conforme a Experiência de Leitura por Andaime (GRAVES, GRAVES, 1995), incluindo momentos coletivos de leitura e discussão (MONTENEGRO, 2012). Para as análises das falas das professoras, recorremos a protocolos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

Com o objetivo de conhecer a opinião das professoras a roda de leitura foi pensada para instigar as participantes a se envolverem com o assunto e colaborarem na construção do processo de pesquisa, tornando-as assim sujeitos ativos durante o processo (LÜDKE, ANDRÉ, 1986). Elegemos como base o livro “A Mitologia dos Orixás”, de Reginaldo Prandi (2001) para a seleção dos textos de matrizes africanas. Nessa obra, o autor reúne 42 histórias míticas pertencentes a religiões de matrizes africanas do Brasil, Cuba e África, no gênero conto. Os contos narram as histórias e lições que os Orixás trazem para aqueles que os cultuam.

Para o momento de intervenção, os encontros ocorreram uma vez por semana, com duração no máximo de 1 (uma) hora cada, totalizando 5 no total. Em cada encontro, foi abordado um conto de um orixá, incluindo a leitura e a discussão deste. Para o momento de leitura nos ancoramos na metodologia de leitura da Andaimagem (GRAVES; GRAVES, 1995), que consiste em um mediador fornecer elementos que auxiliam os leitores a compreender os elementos da história. Denominados *andaimes*, esses elementos envolvem várias possibilidades de ajudas, como: abordagem de palavras e sentenças desconhecidas; perguntas de aprofundamento; ilustrações; informações adicionais, explorando aspectos históricos, sociais etc. Esses “andaimes” são, basicamente, pistas linguísticas que auxiliam no aprendizado de algum conhecimento ainda em processo (MONTENEGRO, 2012).

Para a análise das respostas das professoras adotamos a metodologia da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), que consiste em analisar as subjetividades que se apresentam nas falas com o intuito de buscar uma reflexão sobre o posicionamento do sujeito. A própria metodologia possui vários modelos diferentes de levantamento de categorias: a escrita, a fala, a linguagem não verbal e etc. Escolhemos a fala por se adequar mais a dinâmica da roda de leitura, mas as pequenas expressões corporais das professoras frente aos momentos também foram consideradas durante o processo de análise dos dados. Os dados colhidos passaram por seleção, transcrição e organização de quadros para que fossem analisados. Cada informação necessitou ser organizada e separada por critérios para se enquadrar em uma categoria específica, categorias essas que devem ser a partir dos objetivos estipulados pelo pesquisador (BARDIN. 1977).

## 3.DESENVOLVIMENTO.

Ao iniciarmos a pesquisa, antes de tudo, foi preciso estabelecer um contato muito próximo com a escola parceira. Essa relação foi construída durante todo o ano de 2022, através das disciplinas de estágio obrigatório, em que o pesquisador conseguiu conviver com a comunidade escolar durante o período de um ano. Essa

aproximação permitiu que a proposta do tema fosse apresentada e discutida com a coordenação, durante o período de estruturação da proposta e organização do momento coletivo. A escola parceira trata-se de um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), a instituição está localizada na zona leste da cidade de Natal-RN, em uma região muito próxima ao mar. O local em questão possui um contato bem íntimo com as religiões de matriz africana, pois se encontra bem perto da grande estátua de Iemanjá e também possui grupos culturais e festejos locais de cultos religiosos de matriz africana.

No total 5 professoras demonstraram interesse em participar da pesquisa como um todo, porém apenas 4 compareceram a todos os encontros. Para preservar a identidade das participantes, adotamos nomes fictícios para cada uma. Os nomes escolhidos foram: Amanda, Sabrina, Sara, Serena e Márcia, durante todo o período da pesquisa foi efetiva a participação e engajamento das participantes, com demonstração de uma grande vontade de aprender sobre o tema. A ideia de discutir com as professoras uma cosmovisão diferente, a mediação se deu através de perguntas problematizadoras, Freire (1985) aborda que uma educação significativa não consiste em dar boas respostas, mas sim em conseguir formular boas perguntas, pois, com boas perguntas, é possível ampliar a discussão e fomentar a curiosidade nos sujeitos, bem como construir novas perspectivas.

Cada encontro levava a uma discussão pautada sempre no tema de cada história, onde as participantes colocavam suas visões e opiniões a respeito dos textos. Os encontros foram gravados em vídeo, com suporte de material audiovisual para a análise, conforme protocolos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1997) e a leitura do conto seguida da discussão, seguindo os princípios da andaimagem (GRAVES; GRAVES, 1995).

Na referida pesquisa possuímos ao todo quatro tópicos referente às categorias escolhidas cada que foram: **“Qual a recepção docente aos contos religiosos de matriz africana?”**, **“Já ouvi falar, mas não sei o que é”**, **“Acolhida da família”**, **“A dimensão lúdica e a recepção das crianças”**. Cada categoria trouxe informações muito interessantes para compreender a visão das professoras sobre as religiões de matriz africana dentro da educação.

### 3.1. Recepção e possibilidades pedagógicas: análises dos dados

Serão apresentadas e refletidas as respostas das professoras participantes da pesquisa nos encontros intitulados “Roda de Leitura-Caminhando com os Orixás”. A cada encontro as falas das professoras foram aparecendo, aqui destacamos algumas a partir das categorias citadas anteriormente. Na categoria **“Qual a recepção docente aos contos religiosos de matriz africana?”**, destacamos:

Sabrina: Eu acho que **a cultura africana é um pouco mais julgada do que as outras**...porque quando eu era mais novinha eu participei de um grupo de dança, que eram dos orixás, só que acabou o grupo, por conta dos **pais que disseram que eram de macumba e não queriam seus filhos envolvidos**, aí o grupo se desfez. (Grifo do pesquisador)

Para nossa surpresa, as professoras participantes demonstraram-se abertas a conhecer, tanto a proposta como as figuras dos orixás. Elas também expressaram uma posição bastante crítica sobre o currículo escolar da educação infantil e

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

revelaram ciência das violências que as pessoas racializadas passam no Brasil. Na fala destacada, Sabrina conta sobre episódios de preconceito religioso por ela vivenciado ainda quando criança. É importante também destacar, no pronunciamento de Sabrina, o reconhecimento de que existe uma inferiorização das culturas negras na sociedade, um preconceito racial entranhado em nossas visões, mostrando que “falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências” (RIBEIRO, 2019. p.P 5).

Na categoria “**Já ouvi falar, mas não sei o que é**” conforme a análise de conteúdo, “quanto maior for a frequência dos elementos, maior será a sua importância” (BARDIN 1997. P 198). Julgamos indispensável a inclusão desse tópico, pois ele mostra que as participantes já percebiam/percebem a presença das religiões de matriz africana dentro da escola. Podemos ver na seguinte colocação

Serena: Eu acho que é a terceira vez que eu venho aqui (no encontro) ...o que a mensagem quis passar? ...**na minha cabeça tá tudo explicado, mas eu não consigo explicar.** (Grifo do pesquisador)

No terceiro tópico “**Acolhida da família**”, vemos como as professoras falar a respeito da opinião dos pais em relação ao tema, no seguinte apontamento:

Amanda: Eu acho que talvez sim! **O ruim, acho que não pelos professores, mas os pais sim...**é o peso maior, porque a gente até pode ter uma iniciativa assim, **mas o pai diz que estamos influenciando os filhos a virar macumbeiro**, mexer com coisa assim, fazer isso...Então eu acho que...é uma história que não tem nada a ver, é uma história normal. (Segundo Encontro - Grifo do pesquisador)

Percebemos a partir de suas respostas que o posicionamento dos pais é de intolerância ao assunto e que qualquer menção a ele não deve ser estendida a maiores discussões, pois o contato com esse tema iria gerar uma influência ideológica e religiosa na vida de seus filhos. Também demonstra que, pelas crianças e pela equipe docente, não existiria nenhum problema. Existe uma problemática em construir imagens fragmentadas de culturas, pois “uma história única cria estereótipos. O problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que sejam incompletos. Eles fazem uma história se tornar uma história única” (ADICHIE, 2009), a partir da fala da docente podemos identificar que os pais possuem uma imagem negativa das religiões de matriz africana.

Na quarta categoria “**A dimensão lúdica e a recepção das crianças**” discute sobre a prática docente e as relações étnico e religiosas a partir dos contos africanos como possíveis ferramentas para se trabalhar em turmas de educação infantil, de antemão, podemos perceber que as participantes não enxergam nenhum problema em se trabalhar com contos de diferentes crenças e que se demonstram abertas e empolgadas em conhecerem novas perspectivas. Porém, expressam que, por possuírem cunho religioso, as histórias devem ser adaptadas à faixa etária de cada turma. Como podemos ver nas falas:

Sara: Dá! Depende da idade e ainda tem a questão de avisar os pais. Então **é uma questão de se organizar, preparar a escola, fazer um planejamento e preparar os pais**, porque quando a criança ou um adolescente falando alguma palavra [de origens africanas] já estarão preparados. (Segundo

Encontro -Grifo do pesquisador)

Sabrina: **Eu acho que dava pra usar, dependendo da faixa etária**, porque para as crianças hoje em dia tudo é conhecimento. (Grifo do pesquisador)

Amanda- E como são crianças, **essa é uma história bem lúdica**, daria pra levar e construir várias coisas. (Grifo do pesquisador)

A partir dos trechos destacados, percebemos que a leitura dos textos religiosos das religiões de matrizes africanas pode servir a abordagens lúdicas na educação infantil, desde claro, que exista um trabalho de adaptação das informações à faixa etária dos alunos e uma certa familiarização com a figura dos orixás. Esse processo agregaria muito ao repertório das crianças, uma vez que os orixás possuem valores e saberes que podem nos oferecer orientações e conselhos para diversas situações em nossa vida (RUSSO E ALMEIDA, 2016). Trabalhar esses contos traria uma diversidade e representatividade muito grande às crianças, pois o contato com uma cultura diferente ampliaria a visão de mundo para aqueles que não pertencem a dada crença.

#### 4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa realizada com professoras de Educação Infantil, de uma escola da zona leste da cidade de Natal, demonstra uma carência de referências sobre a cultura negra e, em específico, sobre as religiões de matrizes africanas no ambiente escolar. Os dados discutidos neste trabalho mostram que, embora as professoras reconheçam a importância de se trabalhar questões raciais na sala de aula e estejam dispostas a se inserir discussões sobre a temática religiosa, quando o planejamento envolve as religiões de matrizes africanas, existe um receio, uma estranheza e uma insegurança frente ao que se pode ou não fazer na escola.

Concluimos pelas intervenções das professoras que discutir sobre a religiosidade de diferentes credos ainda é considerado um tabu, na escola, os docentes procuram ser os mais “neutros” possíveis em relação ao tema, com os dados observa-se que, a partir das falas e das vivências com as professoras, constatamos que o contato com contos religiosos de matrizes africanas no ambiente escolar causou às participantes uma boa impressão, gerou sentimentos de surpresa, fascínio e curiosidade, ampliando o repertório cultural e abrindo possibilidades de trabalho pedagógico direcionado aos alunos. Ao se depararem com os mitos, elas conseguiram refletir sobre a visão de mundo dos orixás e como seus valores são empregados na vida das pessoas que seguem as crenças dessas divindades. Também conseguiram fazer elos com outras religiões, construindo um olhar sociológico e crítico sobre culturas que aparentemente eram distintas, mas que com o aprofundamento de informações são mais parecidas do que se pensava.

Um fato relevante de destaque é que trabalhar as cosmovisões de diferentes religiosidades na escola possibilita expandir o conceito de humanidade e de cidadania na comunidade, pois de certa forma é impossível dissociar nosso ser social da crença que seguimos (CUNHA, 2013). Sendo assim, a presença de “discussões religiosas” na educação básica é uma pauta que não pode ser excluída. Isso porque, na medida em que os docentes, alunos, pais e profissionais da educação são religiosos ou não, essas questões atravessam nosso cotidiano. Conviver e respeitar os pares é algo que a educação deve prezar como um de seus principais pilares.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Vale também ressaltar que as falas das professoras trouxeram à tona outros temas que, por questões de gestão de tempo, não foram possíveis de serem discutidos neste trabalho. Partimos das discussões de contos de religiões de matrizes africanas e constituímos um leque de informações que envolvem afetividade e empatia na educação infantil, sexualidade e descoberta do próprio corpo e do corpo do outro, questões de gênero, respeito aos idosos e diversidade de escolha de espiritualidade. Esperamos que, iniciada a discussão de políticas públicas e projetos educacionais que visem trabalhar as religiões de matrizes africanas, além de outras, a escola conceda mais espaço e visibilidade a esses temas.

## 5. REFERÊNCIAS.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

BARDIN. L. 1977. Análise de conteúdo. Lisboa edições 70 225.

CUNHA, Luiz Antônio. O SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO E O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS. Educ. Soc., Campinas, v. 34, n. 124, p. 925-941, jul.-set. 2013

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta** / Paulo Freire, Antonio Faundez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15).

GRAVES, M. F.; GRAVES, B.B. The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. In: Reading. April.1995. HAYLES, N. Katherine [et al.]. (Orgs.). Coletânea de Literatura Eletrônica. Vol. I. Out. 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MONTENEGRO, Ana Josil Sá Barreto. Estratégias de andaimagem em textos pedagógicos orais e escritos. Recife: O Autor 2012.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. 1 ed-São Paulo: Companhia das letras, 2001.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual AntiRacista. Companhia das Letras; 1ª edição novembro 2019.

RUSSO, Kelly. ALMEIDA, Alessandra. Yalorixás e educação: discutindo o ensino religioso nas escolas. Cadernos de Pesquisa v.46 n.160 p.466-483 abr./jun. 2016.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo. Livraria Martins Fontes. Editora Ltda. 1991 4ª edição brasileira.